

O OURO DO CÉU

Rhonda Reese
NA REVISTA CHRISTIAN READER

Mal podia fazer meu pedido: "Senhor, por favor, mostra-me algo especial que possa fazer por minha mãe", pedi ao Senhor um dezembro à tarde, cerca de dois anos atrás, quando a solidão e a preocupação me derrubaram mais uma vez.

Papai morrera um mês antes das festas de fim de ano, e eu me sentia tão desolada que queria evitar o Natal. No entanto, minha mãe, triste e deprimida, necessitava de apoio. Ela e papai estavam a quatro dias de celebrar 55 anos de casamento, quando o câncer levou meu pai.

Passou-se urna semana. Então, uma tarde enquanto eu escutava um programa de entrevistas sobre dinheiro no rádio, a apresentadora do programa leu um fax de urna ouvinte, uma compradora descontente. Parece que essa consumidora cansada passou uma tarde inteira abrindo caminho em meio ao aglomerado de pessoas que abarrotavam as lojas, ficando cada vez mais esgotada a cada passo. Ela se ressentia da pressão para comprar presentes para simples conhecidos.

A mulher dizia em seu fax: "Passei horas naquele shopping center. Minha cabeça estava estourando. Meus pés doíam. Meu estômago estava revirado. Minha atitude, devido a tantos abusos, era lamentável, pois apenas desejava que o Natal chegasse, e acabasse logo".

Bem, essa é uma sensação familiar, pensei eu. Também queria que as festas acabassem logo.

A mulher continuou sua história: "Depois de lutar muito contra a multidão, consegui, por fim, chegar ao caixa. Enquanto a fila andava, observei bebês chorando, casais discutindo e um bebê, que mal acabara de aprender a andar, tendo um acesso de raiva. Estava tão desiludida, que quase deixei tudo de lado e saí da loja".

"No entanto, observei duas crianças na fila, bem na minha frente. O menino deveria ter cerca de nove anos, e a menina, uns cinco, quem sabe. Nenhuma das duas crianças estava agasalhada de forma apropriada para o frio que fazia. O cabelo delas estava despenteado e, sinceramente, não cheiravam bem."

Meu pai cresceu em um ambiente pobre. Será que alguém sentiu o mesmo em relação a ele?

A saga daquela mulher ainda não acabara: "O menino segurava, bem apertado, alguns dólares em sua mão esquelética e, na mão cerrada da menina, moedas espiavam entre os vãos de seus dedos. Quando chegou a vez de pagarem, a menina colocou sobre o balcão, desajeitadamente, um par de sapatos altos dourados e brilhantes, o mais cafona que eu já. vira em toda a minha vida. Quando o caixa registrou o preço da mercadoria, as crianças pareciam prestes a desabar no choro, pois não tinham o suficiente. De repente, sem me dar conta, eu já tinha me oferecido para pagar a diferença".

Revivi, repentinamente, uma lembrança em que meu pai deu dois dólares a um homem, frágil e trêmulo, na fila de um armazém. Nunca conversamos sobre o assunto, mas jamais me esqueci dessa cena.

A voz da narradora embargou, quando descreveu como as duas crianças ficaram radiantes de alegria: "O menino explicou que os sapatos eram para a mãe. A menina intrometeu-se e contou: 'Mamãe tem leucemia, e papai disse que ela vai para o céu logo, logo. No céu as ruas são de ouro, portanto estamos comprando sapatos que combinem com elas'".

Em um silêncio ensurdecador; percebi que Deus Ele me lembrava que meu pai agora andava em ruas de ouro. Será que sapatos dourados ajudariam minha mãe que estava com o coração despedaçado?

Antes mesmo de concluir meu pensamento, a mulher que contava essa história fez um último comentário: disse algo sobre o Natal ser a maneira como Deus embrulha um presente de amor para nos enviar do céu.

Um presente de Deus. O menino Salvador: O Salvador que tornou possível para aqueles que amamos andar em ruas de Lucro.

Em casa, achei um par de sapatos pequenos, de boneca. Após pintá-los e cobri-los com purpurina dourada, montei-os em uma base de mogno. Em um ímpeto de energia, vasculhei a gaveta para achar minha caneta de caligrafia e um pedaço de pergaminho dourado. Minhas mãos tremiam, enquanto escrevia: Partiu para andar em ruas de ouro. Depois de colar o pergaminho na madeira, sorri ao ver meu projeto concluído.

No Natal, o rosto de minha mãe iluminou-se quando desembulhou os sapatos dourados e a explicação escrita à mão. Embora a ocasião ainda estivesse envolta em tristeza, os dias trouxeram alegria sempre que falávamos sobre o papai andando em ruas de ouro. Sabia que o Senhor guiaria mamãe e eu, à medida que começávamos a dar passos em direção à cura.